

“As meninas de branco” e a curiosidade pelo breaking - tematização da dança na Educação Infantil

Duas meninas de branco. Assim definiram as crianças.

Cyndel Nunes Augusto

Ao chegarem ao Picadeiro que ocorre na Galeria Olido, na região da República, no centro da cidade de São Paulo, as crianças da Escola Municipal de Educação Infantil Monteiro Lobato foram convidadas a compor o semicírculo que já estava organizado para que todas as pessoas presentes pudessem assistir às apresentações. A plateia, composta por uma turma de outra EMEI que integra nosso território, pessoas trabalhadoras da Galeria e demais pessoas interessadas, observava atentamente o local que se tornou palco e, portanto, espaço de partilha generosa de diversas manifestações artísticas. Nos



juntamos, então, ao grupo. Sentaram-se à nossa frente duas pessoas com vestimentas brancas. A música que iniciava, colocou seus corpos em movimento, e os corpos das crianças, conectados pelo fio invisível que tecia aquela apresentação, se movimentaram junto. Algumas delas demonstraram querer dançar também; outras, ficaram boquiabertas com o que viam; e todos os olhinhos brilhavam, percorrendo cada detalhe.

Outras apresentações seguiram, e diferentes manifestações artísticas compuseram a cena. Por conta do horário de almoço das crianças, tivemos que nos despedir antes do término do evento. Fomos até o ponto de ônibus mais próximo para retornarmos à escola. Este é um procedimento importante de nossas travessias pela cidade: as crianças aprendem que, para se locomover coletivamente, precisarão encontrar um ponto de ônibus, saber qual deles pegar e onde descer, dar sinal e aguardar sua vez de subir para se sentar, e cuidar para que as demais pessoas que estejam se locomovendo no veículo também tenham seu espaço respeitado. A aposta de ocupar o território com crianças pequenas é política, e se materializa como um lembrete à cidade de que ela precisa ser pensada para e com as crianças. Também é uma posição de quem acredita na potência da infância e que elas conseguem construir o espaço público se assim forem incentivadas a fazê-lo.

No dia seguinte, durante nosso momento de roda, perguntei às crianças o que elas haviam achado da nossa travessia. Apesar das diferenças nas respostas, um elemento foi

unânime: as duas meninas de branco. Os movimentos, a força delas, a conexão durante a apresentação e a interação com a música, foram elementos que foram surgindo através das vozes das crianças como condição de encantamento. Perguntei, então, se elas sabiam qual era aquela dança e se já tinham visto pessoas dançando algo parecido, e elas disseram que não. Nesse momento, algumas crianças quiseram lembrar - “*prô, elas dançavam assim*” - e começaram a produzir alguns passos a partir do que tinham em sua memória.

Ao longo dos dias, em diferentes contextos, as crianças convocavam a imagem das ‘duas meninas de branco’ como um símbolo que as intrigava e encantava. Percebi, então, que o breaking poderia ser uma prática corporal a ser tematizada. Ao conversar com outras professoras, percebi que nenhuma delas tinha trabalhado com o breaking em anos anteriores, sendo este também um motivador para a tematização. A turma, desde o começo do ano, demonstrou grande interesse pela dança, sendo a investigação sobre o breaking uma possibilidade de se encontrar com outros discursos e elementos desta prática corporal. Essas observações, em diálogo com o Projeto Político Pedagógico de nossa unidade, abriram caminhos para nossa nova tematização.

Ao iniciarmos mais um momento de roda, mostrei às crianças algumas imagens do breaking em nosso telão e perguntei a elas o que elas observavam. Elas foram descrevendo os elementos que mais chamavam atenção e, em certo momento, uma delas relacionou-os com a dança que viram das ‘duas meninas de branco’.

Interessadas pelas imagens, as crianças foram, aos poucos, tentando imitar o que viam, anunciando algumas possíveis leituras: “*Precisa de equilíbrio!*”, “*Esse eu achei fácil!*”. Era a tentativa de materializar em palavras aquilo que o corpo sentia e produzia. Ao perceber esse movimento da turma, selecionei um vídeo de uma batalha de breaking para que elas assistissem, atenta aos seus dizeres durante o vídeo¹. Muitos foram os comentários da turma por conta da multiplicidade e dificuldade dos gestos realizados pelas duas pessoas participantes da



batalha. Ficar parado com uma mão, dar um mortal, giro de cabeça - *como eles fazem isso?* As crianças ficaram intrigadas com a destreza de ambos os dançarinos, o que me deu pistas de poderíamos investigar como o breaking foi se constituindo ao longo dos anos.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vYpMQI3Idls>. Acesso em: 16 jan. 2026.

Fizemos uma lista com hipóteses e saberes das crianças sobre como elas imaginavam ter surgido o breaking. “Uma pessoa queria dançar e criou os passos”, “Vimos meninas no picadeiro do circo dançando”, “Tem uma exposição no SESC contando a história”. Duas crianças da turma contaram ao restante do grupo que tinham ido ao SESC 24 de Maio para ver a mais nova exposição daquela unidade sobre o Hip Hop. Foi interessante observar como elas identificaram o breaking como um elemento da cultura Hip Hop a partir do que viram nos espaços da exposição. Depois de realizarmos essa lista de hipóteses e saberes para compor nosso mural com a documentação de nossa pesquisa, vimos um vídeo² com uma narrativa sobre a história do breaking e que mostrava, também, mais alguns gestos dessa dança. Pausamos o vídeo algumas vezes para dialogar sobre o que víamos e, em seguida, levamos a caixa de som da escola para a quadra para realizar uma roda onde, em duplas, as crianças experimentaram produzir passos de breaking. Produzir essa cena fora de nossa sala de referência foi um marco importante em nossa tematização, pois os outros agrupamentos se reuniram ao redor da quadra para observar e, aos poucos, algumas crianças menos tímidas entraram para compor a roda conosco, querendo produzir alguns passos também.



Após muitas buscas pela internet e em conversa com colegas que conhecem sobre o breaking, percebi a dificuldade de encontrar materiais que fossem adaptados, em termos de linguagem, para crianças pequenas. Desta forma, selecionei alguns artigos enviados por uma

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-88R1HENUUg>. Acesso em: 19 jan. 2026.

grande amiga que estava trabalhando na exposição do SESC 24 de Maio, bem como alguns vídeos da internet, e criei um livro com algumas das informações selecionadas sobre a história do breaking. Neste dia, relatei para as crianças sobre minhas fontes de pesquisa e li para elas, em nosso momento de roda de histórias, este livro caseiro. Em seguida, pedi que elas fizessem desenhos que pudessem compor nosso livro. Após a realização dos mesmos, plastifiquei o material para que ele pudesse ficar disponível em nossa biblioteca de sala, dando possibilidade para que as crianças o acessassem sempre que quisessem. Foi interessante perceber, ao longo do semestre, que este era um material ao qual elas sempre recorriam nos momentos em que acessavam a biblioteca.



Em seguida, perguntei se elas queriam tecer comentários sobre a história que escutaram. Uma das crianças compartilhou com o grupo sua conclusão de que *“Hip Hop é breaking e breaking é Hip Hop”* e que *“breaking é uma dança e uma batalha também”*. Registramos essas observações em uma nova lista que criamos intitulada ‘O que sabemos sobre o breaking?’ e que também foi anexada como parte de nosso mural de documentação da tematização. Para



compor este mural, imprimi algumas fotos das crianças dançando, utilizando-as também como disparadoras para uma proposta de vivência que faríamos a seguir. Observamos os registros fotográficos das próprias crianças - os quais elas me ajudaram a colocar no mural - e depois vimos um vídeo³ tutorial sobre como realizar os passos de toprock (um fundamento do breaking que acessamos no livro). As crianças observaram atentamente e, no primeiro gesto realizado no vídeo, já se ergueram e começaram a se inspirar no que viam para experimentar com o próprio corpo a dança. Finalizamos esta vivência com uma roda de partilha do que elas sentiram ao realizar aqueles passos.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BonajVkVaEA>. Acesso em 19 jan. 2026.

Como as crianças acessaram a informação de que o breaking é composto pelo toprock, footwork, freezing e power moves, pensamos em destinar algumas vivências para cada elemento. Para isso, em outro momento, vimos mais um vídeo⁴ onde uma pessoa representante da prática corporal produzia alguns passos de toprock e, ao final, realizamos uma roda onde cada criança que se sentisse à vontade poderia ir ao centro produzir seus próprios passos.

Durante vários momentos, quando íamos ao parque, ou mesmo em nossa sala de referência, era possível ver as crianças brincando de produzir batalhas e passos em conjunto. Sempre que possível, eu me aproximava para observar essas interações, tomando notas escritas em um caderno destinado às minhas anotações sobre a turma, ou mesmo tirando fotos e gravando vídeos. As experimentações livres e em parceria com diferentes colegas para ressignificar o que vinham conhecendo sobre o breaking, indicavam um grande interesse pela prática. Em um destes momentos, tivemos um incidente com duas crianças - elas planejavam uma batalha em que eu seria sua oponente. Vieram me convidar para este evento e, quando afirmei que eu aceitava participar, elas correram para outro espaço para treinar e se preparar. Quando voltaram, colocamos uma música em meu celular e ambas as crianças começaram a apresentação, porém, uma delas, ao fazer uma estrela muito próxima da outra, acabou batendo o pé no rosto da outra criança, que chorou e se sentiu chateada pelo ocorrido. A batalha não prosseguiu e percebemos que este era um assunto importante de ser dialogado - É possível dançar breaking em qualquer lugar? Há um espaço mínimo de distância entre as pessoas dançarinas que possa garantir segurança? Locais pequenos comportam muitas pessoas dançando breaking juntas? - Perguntas sem respostas prontas e que serviriam como disparadoras para a discussão com as crianças, que precisariam, coletivamente, refletir sobre isso.



Para seguir com esse e outro conjunto de reflexões, iniciamos uma roda com o objetivo de retomar nossa lista sobre o que sabíamos sobre o breaking e registrar outros saberes. As

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qCB2PuyulVc>. Acesso em 19 jan. 2026.

crianças acrescentaram na lista que *‘Quem dança faz vários movimentos’* e que o breaking *‘precisa de força, equilíbrio, comer bem, se hidratar e descansar’*. Esse não foi um discurso que circulou em nenhuma das materialidades acessadas, mas sim uma conclusão na qual a turma chegou a partir do diálogo e da partilha de suas próprias reflexões sobre a prática. Quanto aos cuidados para dançar breaking, chegamos à conclusão de que, em nossa sala de referência, deveríamos dançar com mais cautela, pois é um espaço menor, com muitas materialidades e onde as crianças ficam mais próximas umas das outras.

Retomamos em nossa lista como são os passos de toprock e nos perguntamos como seriam os passos de footwork. As crianças foram convidadas a demonstrar como elas imaginavam os passos de footwork e, na medida em que se sentiam confortáveis, iam ao centro de nossa roda demonstrar. Em seguida, vimos um vídeo⁵ tutorial com uma pessoa representante de prática corporal demonstrando algumas possibilidades, e as crianças rapidamente se levantaram para experimentar produzir seus próprios gestos.

Em outro momento de roda, iniciamos nossas conversas retomando o toprock e o footwork como dois elementos presentes nas batalhas de breaking. Assistimos a um vídeo⁶ onde crianças e adolescentes batalhavam e a turma ficou maravilhada em ver pessoas de sua idade ou pouco mais velhas produzindo passos que, para elas, pareciam tão difíceis. A ideia de ‘batalha’ ficou muito popular em nosso agrupamento, sendo um elemento de grande interesse da turma. Combinamos, então, de nos separar em duplas e produzir uma batalha no espaço da quadra. Coloquei algumas músicas e destinei um tempo em nossa sala de referência para que as crianças se preparassem e, depois, fomos à quadra realizar a batalha. Apesar de todas as



crianças terem dançado em nossa sala, nem todas quiseram participar durante o momento coletivo na quadra, de forma que só quem se sentiu à vontade foi ao centro. Apesar de um dos elementos da batalha ser a atribuição de vitórias ou derrotas, as crianças, neste momento, só dançaram em duplas. Ao final de nossa vivência, uma das crianças se aproximou de mim e perguntou *“Prô, quem ganhou?”*, o que me indicou que, a partir daquele momento,

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YDnauITOP3A>. Acesso em 20 jan. 2026.

⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4gIlegcinwQ&list=RD4gIlegcinwQ&start_radio=1. Acesso em 20 jan. 2026.

poderíamos investigar mais a fundo quais são as principais características de uma batalha de breaking.

Retomamos nossa lista onde constavam os elementos do breaking e começamos a nos aventurar pelos freezes. Assistimos 3 vídeos⁷ onde pessoas representantes da prática corporal davam algumas demonstrações de suas produções, e as crianças se mostraram animadas em observar a variedade de possibilidades de fazer esses gestos. Naquele dia, cada criança que se sentiu à vontade produziu um freeze, e o grupo tentava reproduzi-lo. Nessa vivência, foi possível perceber as crianças se desafiando em movimentos mais complexos, investigando novas possibilidades a partir daquilo que viam nos vídeos, imagens e das/os próprias/os colegas.



Por fim, naquele encontro, colocamos mais um vídeo para que as crianças pudessem dançar, realizando registros filmicos que compuseram nossa documentação da tematização. Naquele mesmo dia, poste nas redes sociais um pedido para que as pessoas que conhecessem representantes do breaking me indicassem os contatos, pois queria convidar pessoas que estão no universo dessa prática corporal para dialogar com o grupo, trazendo outras produções discursivas sobre ela. Uma amiga me indicou um professor que trabalhou com ela em uma escola da Zona Oeste de São Paulo e que foi, por muitos anos, dançarino de breaking, e uma outra amiga que trabalha no SESC Itaquera me indicou um ex-aluno que fez aulas de escalada com ela e que é dançarino. Entrei em contato com ambos, Renato e Kaique, para apresentar a escola, a turma e nossa investigação, realizando o convite de participação. Ambos aceitaram o convite prontamente, Renato se disponibilizando para ir ainda na mesma semana se encontrar com as crianças, e Kaique dispondo de uma data na semana seguinte.

⁷ Disponíveis em <https://www.youtube.com/shorts/E70JalSDf6M>, <https://www.youtube.com/shorts/ZPsqRxTr63w> e <https://www.youtube.com/watch?v=4Z1tQowkLVQ>. Acesso em 20 jan. 2026.

Contei para a turma que uma pessoa representante da prática corporal viria nos visitar e compartilhar sua experiência com o breaking. Como o trabalho da professora polivalente na Educação Infantil é com as múltiplas linguagens, ao mesmo tempo em que tematizávamos o breaking, também estávamos investigando a cultura amazônica, e no dia em que recebemos Renato, estávamos realizando uma experimentação de chás com plantas que colhemos em nosso parque, inspirados na história de Jaxy Jaterê, protetor das florestas e conhecedor das plantas. Neste dia, para compor a mesa de chás, também realizamos uma culinária de bolinho de chuva e de biscoitos amanteigados com goiabada, e chamamos todas as pessoas funcionárias da escola para experimentarem conosco e com o Renato as receitas realizadas pelas crianças. Este momento de partilha a partir de uma culinária afetiva, abriu as portas para a chegada de Renato em nossa turma, que gentilmente compartilhou muitos saberes conosco.



No dia da visita, Renato, já com experiência como professor, organizou a roda com as crianças e mediou o diálogo com elas buscando entender quais eram suas dúvidas e curiosidades sobre o breaking. A partir disso, contou sobre sua vida pessoal, sobre seu ingresso neste universo cultural, sobre alguns elementos da história do breaking e do Hip Hop e sobre sua experiência com a prática corporal. Mostrou um vídeo onde ele, mais jovem, dançava na escola, e depois propôs para as crianças que experimentassem juntos/as alguns gestos. Primeiro, mostrou alguns dos que gostava de fazer, convidando-as a realizar com ele, e, depois, pediu que as crianças compartilhassem com ele algumas de suas produções para que ele fizesse também. Colocou algumas músicas que considera clássicas no mundo do Hip Hop, apresentando as pessoas artistas e seu contexto de produção, e fez uma vivência com as crianças, observando e registrando de maneira fílmica o que elas produziam. Em seguida,

mostrou o vídeo clipe⁸ da música ‘Breakin’... There's No Stopping Us’, lançado em 1984, onde era possível perceber diferenças na forma de se dançar e nas vestimentas, elemento analisado por Renato com as crianças. Ao final do encontro, as crianças entregaram a lembrancinha que preparamos para ele como forma de agradecimento pela partilha - um chocolate e um livrinho com desenhos feitos pela turma. As mesmas sentaram-se ao redor dele e contaram quem fez qual desenho e o que era cada um deles.



Em outro momento, fizemos uma roda onde as crianças compartilharam o que haviam achado da visita do Renato, e o que mais as deixou animadas foi conhecer alguém que esteve envolvido por tantos anos com esta prática corporal. A história que vínhamos conhecendo através de vídeos, leituras e imagens se materializou, de alguma forma, na frente delas. Também pediram para acrescentar em nossa lista de saberes sobre o breaking que “*as músicas falam sobre os acontecimentos da vida*”, informação enfatizada por Renato em nosso encontro. Neste mesmo dia, contei às crianças que havíamos conseguido uma visita mediada na exposição sobre o Hip Hop no SESC 24 de Maio e que quem iria nos receber era uma grande amiga minha de infância, chamada Nivea, que estava atuando como educadora.

No dia seguinte, nos organizamos para essa saída e partimos em direção ao SESC. O fato de a Nivea ser uma grande amiga deixou as crianças ainda mais animadas, de forma que, quando ela chegou, a primeira coisa que elas falaram foi “*a gente sabe que você é amiga da pro!*”. Nivea fez uma roda em frente a entrada da exposição para conhecer as crianças e também para passar para elas alguns combinados importantes para quando estivessem circulando pelo espaço. Em seguida, iniciamos este mergulho em um mar de informações sobre a história do Hip Hop, do breaking, das disputas em torno dos discursos que constroem a manifestação cultural, sobre as vestimentas, alguns dos nomes mais influentes, do movimento de mulheres nesta prática corporal, tudo isso a partir da mediação entre corpo-artefatos-narrativa.

⁸ Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=7_pzk83luwo&list=PL2BbzlnzyhMIGTs2w9uoxy_P5tLBiNZaI. Acesso em 22 jan 2026.



Na semana seguinte, retomamos nossa saída para o SESC a partir de um vídeo⁹ que falava um pouco sobre a exposição e também a partir dos próprios registros fotográficos que realizei das crianças. A partir disso, compartilhamos, em roda, o que mais nos chamou atenção na visita e, em seguida, pedi para que as crianças registrassem em desenho sobre isso, para que eles pudessem compor, também, nosso mural de documentação sobre a tematização.

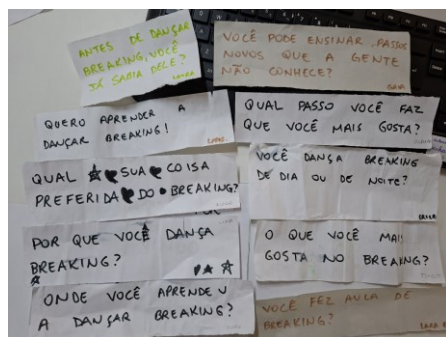
Se já havíamos ouvido sobre a história do breaking e do Hip Hop a partir de vídeos, do livro que foi produzido para as crianças, da partilha de Renato, bem como da exposição que visitamos, ficamos pensando em novas formas de descobrir outros discursos sobre a prática corporal. Para isso, elaborei um documento de apoio para que as crianças entrevistassem as pessoas adultas de nossa escola e, depois, teríamos a tarefa de sistematizar estas informações. Expliquei para as crianças como elas poderiam registrar as respostas das pessoas entrevistadas e as separei em trios para que pudessem escolher duas pessoas adultas e sair pela escola para realizar duas perguntas - '1. Você conhece o breaking?' e '2. O que você sabe sobre ele?'. Cada trio retornou para sala com seus registros e compartilhou como foi a experiência de entrevista, bem como as respostas dadas pelas pessoas entrevistadas. Elaboramos um documento que também faria parte de nosso mural de documentação, contabilizando quantas pessoas conheciam ou não o breaking e quais os discursos que haviam acessado sobre ele. Essas entrevistas nos fizeram perceber que, dentro de nossa escola, as pessoas adultas, em sua maioria, conheciam o breaking, apesar do grande número de pessoas que desconheciam a prática. Além disso, também percebemos que quase todas que conheciam esta manifestação, sabiam que ela era uma dança e que tinha relação com a cultura Hip Hop, e somente uma professora categorizou o breaking como uma dança de rua e outra citou que ele tinha feito parte das Olimpíadas, informações essas que registramos em nossa lista de saberes sobre o breaking.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CvMmk17TZDY>. Acesso em 22 jan. 2026.

Como essa informação sobre as Olimpíadas era nova, pesquisei com as crianças sobre esse evento e vimos alguns registros fotográficos dessa modalidade na competição.

Em outro momento, compartilhei com as crianças que eu tinha conseguido combinar uma data para que Kaique, outro representante da prática corporal, viesse compartilhar com as crianças sobre a sua experiência com o

breaking. Desta vez, pedi que cada criança que tivesse vontade realizasse uma ou mais perguntas para ele e,



eu, como escriba, registrei-as em filipetas que as crianças guardaram em seus escaninhos para, no dia da visita,

poderem fazer para nosso convidado. No dia combinado, porém, Kaique não pôde aparecer, deixando as crianças bastante frustradas. Diariamente, elas perguntavam sobre ele, o que me fez tentar uma nova data o mais rápido possível para nosso convidado estar conosco.



No novo dia combinado, Kaique estava presente conosco. Em roda, organizamos um primeiro momento onde ele se apresentou para as crianças e, em seguida, elas foram, uma a uma, fazendo suas perguntas, ouvindo um pouco mais sobre a experiência de outro representante da prática corporal e também outras narrativas sobre a história do breaking e do Hip Hop. Percebi que essa estratégia de elaborar previamente as perguntas deu maior condição de participação e envolvimento das crianças, uma avaliação importante a ser feita em nosso percurso. Depois, Kaique propôs que fizéssemos uma grande roda para que ele pudesse fazer uma apresentação para as crianças. “*Vocês sabem qual é o melhor amigo de um dançarino de breaking?*” - perguntou às crianças, mostrando, em seguida, um rádio. Ali, Kaique já sinalizava mais um elemento importante nesta manifestação cultural. Piruetas, paradas de mão, mortais, giros rápidos - quando iniciou sua apresentação, nosso convidado deixou todas as bocas abertas e olhos brilhando com tamanha força, destreza e equilíbrio. “*Parece um giro de ninja. Maluco!*” - disse uma criança ao ver um dos gestos de Kaique na dança. Quando ele finalizou, as crianças pediram bis. Ele perguntou o que elas mais tinham gostado e todas responderam que foi o mortal. Ele demonstrou-o mais algumas vezes com uma nova música tocando e depois convidou as crianças para fazerem alguns passos com ele em roda.



As crianças, uma a uma, foram pedindo a ajuda dele para realizar alguns movimentos com os quais tinham se identificado e também chamavam nosso convidado para que ele visse o que elas estavam produzindo. Ao final de nosso encontro, entregamos a lembrancinha de agradecimento pela generosidade de Kaique em estar conosco e as crianças, novamente, se reuniram ao redor de nosso convidado para mostrar para ele quem fez qual desenho e o que haviam realizado.

No dia seguinte, realizamos uma roda onde as crianças partilharam o que haviam achado do encontro e foi unânime o interesse delas por aprender a fazer o mortal, mas elas diziam que era um movimento muito difícil e que exigiria muito treino. Uma das crianças chegou a conclusão de que *“Quando faz ginástica fica mais fácil fazer o breaking”*. Para finalizar nossa conversa, retomei com as crianças os registros fotográficos e filmicos que fiz de nosso encontro e pedi que elas fizessem um desenho do mesmo, colocando este material em nosso mural de documentação da tematização.



Neste momento do relato, vale dizer que esta tematização contou com a parceria de estudantes da Universidade de São Paulo que realizaram estágio comigo a partir de duas disciplinas, uma que faz parte do programa da licenciatura em Pedagogia e outra da licenciatura em Educação Física. Na primeira, o professor coordenador do estágio era o professor Marcos Neira, e a aluna Juliana realizou um estágio de observação. Apesar do objetivo do estágio, Juliana colaborou com o grupo em todos os dias em que esteve conosco, investindo na criação

de laços com as crianças e na participação ativa em nossas propostas. Na segunda, a professora coordenadora era Mônica Caldas, e o grupo, composto por Isabela, Matheus, Daniel, Pedro e Pedro Nacca, realizaram um estágio que era parte de observação e parte de intervenção. As pessoas integrantes do grupo se alternavam nas idas e estavam presentes sempre que havia alguma proposta sobre o breaking planejada. A partir do que observaram, pensaram em algumas propostas de intervenção e, em diálogo comigo e com a professora coordenadora do estágio, elaboraram alguns encaminhamentos que fariam sentido com a tematização.

Em roda com as crianças, realizaram um levantamento do que se lembraram sobre a visita de Kaique e Renato, a fim de perceber semelhanças e diferenças entre as falas dos dois convidados. Eles sinalizaram às crianças que Kaique tinha dito que, atualmente, participa de competições de breaking em grupo. Por isso,

selecionaram dois vídeos para mostrar para a turma - um que mostrava uma coreografia¹⁰ realizada em grupo e outro que mostrava uma batalha de breaking¹¹. Em seguida, perguntaram às crianças o que elas liam em cada vídeo, com o intuito de perceber se elas identificavam as diferenças entre uma coreografia e uma batalha. Como os comentários foram muito relacionados aos



gestos das pessoas participantes nos vídeos, o grupo indicou às crianças a diferença entre coreografia e batalha no universo do breaking, propondo que as crianças se separassem em 3 grupos e produzissem coreografias para apresentar entre si.

Daniel, Pedro e Matheus se separaram e cada um ficou com um grupo de crianças, ajudando-as com o planejamento da dança. Foi interessante perceber, circulando entre os grupos, como cada um mediava as negociações entre as crianças e como ajudava-as a organizar o planejamento da coreografia. Ao fim do planejamento, cada grupo fez a sua apresentação para o restante da turma, compartilhando sobre a experiência ao final.

¹⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zembXpirD0&list=RDzembXpirD0&start_radio=1. Acesso em: 22 jan. 2026.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=93jQlVl6hYc>. Acesso em: 22 jan. 2026.



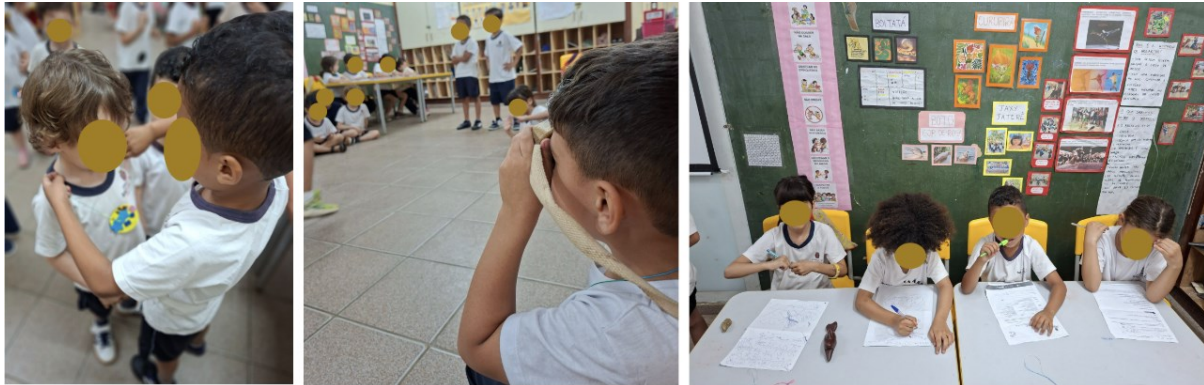
Aproveitando a abertura para a questão das batalhas, retomei com as crianças a pergunta de um dos colegas de turma sobre quem havia ganhado. Perguntei a elas o que precisávamos fazer para que essa decisão fosse tomada. Uma das crianças da turma respondeu “*precisa de um juiz*”. Perguntei, então, o que mais tem em uma batalha, e elas disseram sobre as pessoas que dançavam e a plateia. Propus que assistimos a um vídeo¹² com uma batalha, com o intuito de elaborarmos uma lista sobre quais elementos estavam presentes nela. Aos poucos as crianças iam identificando novos tópicos para nosso registro: “*plateia*”, “*música*”, “*medalha*”, “*pessoa que grava*”. Organizamos, então, quem gostaria de fazer parte de cada uma destas funções, sendo possível rotacionar em várias delas para experimentar diferentes situações em um momento de batalha.

Ainda na mesma semana, durante nosso momento de acolhimento¹³, separei alguns materiais para que as crianças produzissem as medalhas à sua maneira. Elas ficaram entusiasmadas e, depois de feitas, todos os dias elas me perguntavam quando faríamos a nossa batalha. Na semana seguinte, nos sentamos em roda para retomar quais funções cada criança gostaria de exercer na batalha e separei um tempo para que elas pudessem se organizar para suas apresentações. Algumas delas queriam realizar a batalha em grupos; outras, em duplas; e algumas crianças, ainda, gostariam de fazê-lo de maneira individual. As que ficaram como juízas receberam papel e caneta para registrar suas observações e foi muito interessante observar a escrita espontânea delas para registrarem seus votos. As que ficaram como fotógrafas, receberam as câmeras de brinquedo que temos na sala para realizar seus registros. A plateia ficou sentada ao redor do espaço onde aconteceriam as batalhas e as crianças que

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pTOHTyqQoPM>. Acesso em: 22 jan. 2026.

¹³ O horário de entrada das crianças na escola é entre 8h e 8h30. Neste momento, fazemos alguns contextos brincantes para acolher as crianças em sua chegada.

começariam a dançar se organizaram no centro da roda. Eu fiquei como DJ, organizando a música no computador da sala.



Foi interessante observar a relação delas com a dinâmica. Mais do que ganhar ou perder a batalha a partir dos votos das/os juízas/es, elas estavam interessadas em realizar o ritual de premiação. Cada criança que atuava como juíza levantava-se para dar a medalha para ambas as equipes/participantes, mesmo que não tenha sido a vencedora, tendo em vista que todas as crianças produziram medalhas e o foco é que ela fosse uma medalha de participação. Ao longo do dia, elas ficaram andando com as medalhas no pescoço e contando para as/os amigas/os de outras salas como foi a experiência. Também foi possível perceber que o maior interesse estava em realizar as fotografias e participar da mesa de juízas/es, sendo esta última função a que contou com maior rotatividade. As crianças se encantaram com a experiência de registrar por escrito suas opiniões e depois expor em um ritual com microfone e entrevista sobre qual seria a equipe em que iriam votar. A turma, que já tinha um grande interesse pelo sistema de escrita, teve nessa vivência uma brincadeira simbólica onde podiam escrever de maneira espontânea a partir da função social dentro do contexto criado. Em seguida, a função da fotografia foi a que as crianças mais queriam estar, e tiveram que negociar as formas de participação, pois tínhamos apenas duas câmeras de brinquedo na sala. Foi interessante perceber, também, que algumas crianças começaram a fazer uma câmera imaginária com as mãos para criar os registros.



“Eu achei difícil, porque fiz movimentos difíceis”. “Eu achei fácil, porque todo mundo falou que eu ganhei”. “Eu gostei de fazer as danças, porque tava a L., a D. e a G. no meu grupo”. “Eu achei muito legal, porque eu estava com as minhas amigas e a gente ficou de cabeça para baixo”. “Eu achei legal, porque tinha muitas crianças”. Esses dizeres sobre a experiência foram registrados por escrito e colocados como parte do nosso mural de documentação. É possível perceber a questão afetiva como um elemento importante para a turma, característica essa que se manteve presente desde a tematização da perna de pau - fazer, experimentar, sentir com os amigos e amigas é algo que aparece nas enunciações das crianças como algo importante para a força de uma vivência.

O grupo que fazia estágio propôs uma segunda intervenção com as crianças, que seria realizada a partir de um encontro com Federico, representante da prática corporal com o qual tinham contato. Agendamos a visita e, para organizar a roda de conversa com ele, realizamos novamente as filipetas com perguntas que as crianças queriam fazer para nosso convidado. Primeiro, foi organizada uma roda de conversa com Federico, onde ele respondia às perguntas sobre sua vida pessoal, história do breaking e do Hip Hop e suas experiências na prática corporal. Depois, as crianças pediram para que ele demonstrasse alguns passos que sabia fazer e também para que dançasse um pouco para elas verem. Federico fez algumas demonstrações e o corpo das crianças, no momento em que botamos play na música, já começou a querer se mover junto com o dele. O interesse delas em experimentar a diversidade de gestos que vinham conhecendo era sempre muito vibrante, em um contágio coletivo em que a turma mostrava-se sempre pronta para dançar.



Em seguida, foi realizada uma vivência na quadra. Federico combinou com as crianças que faria um primeiro momento onde mostraria para elas alguns passos isolados para elas aprenderem, e as crianças que se sentissem à vontade poderiam experimentar os gestos produzidos por ele. Depois de algum tempo nessa dinâmica, ele propôs que começassem a unir alguns destes gestos, assim como ocorre na dança. Neste momento, foi possível perceber algumas crianças inventando os próprios passos, mas seguindo na experiência com nosso convidado. Os passos que as crianças mais vinham tentando fazer eram os que exigiam tirar as mãos e pés do chão, pois se impressionavam sempre que viam alguma pessoa dançando e conseguindo fazer isso. Algumas crianças já vinham tentando fazer passos com a cabeça como

apoio no chão, como no caso da ponte, sendo este um gesto que também chamava muito a atenção delas.



Por fim, para selar nosso encontro, Federico soube que a turma vinha se interessando muito pela batalha de breaking. Por isso, propôs que fizéssemos uma com as crianças que se sentissem à vontade para participar. Assim que ela se iniciou, com duas duplas batalhando no centro da roda, muitas crianças de outros agrupamentos, que já vinham observando nossa vivência, se aproximaram da quadra, demonstrando interesse pela prática. Convidei-as para participar e elas prontamente entraram na quadra para estar conosco. Quando chegou a vez delas de batalharem, foi possível perceber que a falta de aproximação com os signos do breaking não as impediu de experimentar a dança. Algumas misturaram capoeira, prática que faz parte de nosso currículo; outras, tentavam experimentar aquilo que vinham observando da vivência realizada antes; e outras, ainda, traziam repertórios de outras práticas corporais que vivenciaram em outros contextos. Nestes momentos, algumas de nossas crianças se aproximavam e tentavam ensinar para elas alguns passos de breaking, mas a maioria preferia dançar de acordo com seu próprio repertório. Ao nos despedirmos, entregamos nossa lembrancinha para o convidado e demos continuidade ao nosso dia com outras brincadeiras no parque.

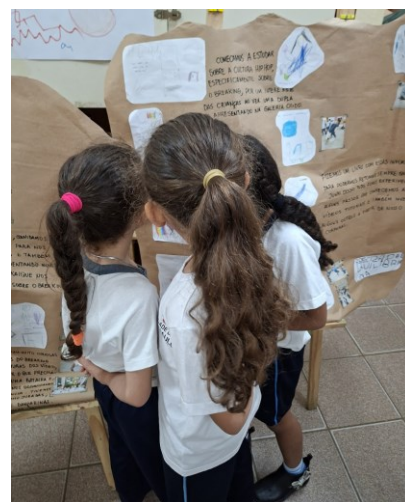
Na semana seguinte, como forma de trazer alguns novos elementos, misturados a outros que já havíamos acessado sobre a história do breaking e do Hip Hop, apresentei para as crianças o jogo Kahoot, que consiste na apresentação de uma pergunta para as pessoas participantes, que têm um tempo pré-determinado para responderem, e a resposta correta vai permitindo às pessoas jogadoras acumularem pontos. Como a intenção do jogo era apresentar as informações pré-selecionadas sobre o breaking e o Hip Hop a partir de outras linguagens que não só a dos

vídeos, livros ou partilha de pessoas representantes da prática corporal, fiz a dinâmica de maneira coletiva. As crianças ficaram eufóricas para responder às perguntas, muitas mais interessadas em acertar a resposta do que em escutar as novas informações que surgiam ao longo do jogo. Avaliei que as variadas linguagens utilizadas permitem diferentes formas de socialização das crianças e de interação com as materialidades oferecidas. Depois dessa proposta, realizamos um momento coletivo de dança em nossa sala de referência. Realizei novos registros filmicos e fotográficos para compor nossa documentação, separando novas fotos para imprimir e colocar em nosso mural.

Como íamos chegando ao fim do ano, pensamos em uma forma de levar nossa investigação para além do espaço de nossa escola, criando composição com nosso território. Uma criança, em algum momento de roda ao longo do semestre, tinha perguntado *“Prô, por que a gente não faz uma apresentação no parque Buenos Aires? Assim, todo mundo pode ver!”*. Como este é um parque que fica ao lado da escola e, portanto, bastante utilizado pelas crianças, é comum que elas mesmas proponham



intervenções no local. Retomei a ideia desta criança e perguntei para a turma o que elas achavam da proposta. Começamos, então, a preparar as materialidades: primeiro, as crianças fizeram novos registros em desenho da nossa investigação. Depois, realizamos uma roda para a elaboração de um texto coletivo sobre as principais descobertas sobre o breaking, sendo eu a escriba. Porém, algumas crianças ficaram interessadas em escrever também, de forma que eu entreguei a elas uma folha e pedi que elas fossem registrando comigo o que as crianças falavam a partir da escrita



espontânea. No fim, algumas crianças pediram para que eu escrevesse no meu celular algumas falas delas sobre o breaking para que elas copiassem e pudessem acrescentar estes registros ao cartaz que estávamos elaborando. Todos estes registros, junto de algumas fotografias que foram impressas, compuseram nosso material da exposição. Como suporte para os cartazes, separamos os cavaletes que temos na escola. Primeiro, deixei os materiais na sala para que as crianças pudessem ver o produto final e interagir com ele.

Como a caixa de som da escola exigia o uso de tomadas, Rosivania, professora readaptada parceira de nossa turma¹⁴, colocou no grupo da escola o pedido de empréstimo, perguntando se alguém tinha alguma caixa de som para compartilhar conosco. Uma das funcionárias da cozinha, Elaine, nos emprestou, e separamos este material para levar para o parque. No dia combinado, fomos para o Parque Buenos Aires, organizamos os materiais da exposição em uma área ampla de gramado e começamos a dançar. Ali, o tempo de concentração e participação das crianças foi menor, e rapidamente elas começaram a dispersar, pelo interesse em fazer outras coisas neste espaço externo. Por isso, reunimos nossa exposição e levamos para o parquinho, espaço onde as crianças vão semanalmente para brincar. Deixamos a exposição lá para quem quisesse ver, e as músicas de breaking tocando na caixa de som baixinho, para não atrapalhar as famílias e demais crianças que estavam lá.



Muitas crianças que brincavam no parque se aproximavam dos materiais e observavam atentamente os registros ali expostos. Familiares que as acompanhavam nos perguntavam sobre o trabalho de investigação e também sobre a escola, se tornando um momento de divulgação das propostas realizadas na escola pública.

¹⁴ O nome afetivo de nossa turma é “Rosivania”, em homenagem a esta professora, que nos acompanha de perto em todas as nossas investigações. No primeiro trimestre, realizamos um trabalho onde as crianças convidaram as funcionárias da escola para conhecerem sua história de vida e aprenderem com elas alguma brincadeira de suas infâncias. Concomitantemente, íamos conhecendo a história de outras mulheres importantes em nosso país e no mundo a partir de suas biografias, entendendo um pouco sobre este gênero literário. Depois disso, escolhemos uma dessas funcionárias para homenagear. Este foi um trabalho importante para estreitar o vínculo das crianças com as demais funcionárias da escola que não as mais presentes no cotidiano da sala de referência.

Ao longo do percurso, foi possível perceber que o breaking se tornou parte do dia a dia das crianças. Elas dançavam durante as brincadeiras, apresentavam em casa para suas famílias, colocavam os brinquedos para dançar seus passos preferidos - “*Olha, prô, o boneco tá dançando breaking!*” e sempre estavam bem engajadas durante a tematização. No dia da reunião de famílias de fechamento de ano, tornamos nossa sala um museu com a exposição de todas as investigações que realizamos no semestre, sendo o breaking uma delas. As famílias comentaram sobre como este era um tema presente em suas casas desde que começamos nossa investigação, fazendo-as se aproximar também da prática corporal.



“*As músicas falam sobre os acontecimentos da vida*” - Retomamos este dizer de uma das crianças como uma frase que se ressignifica, ganhando novos contornos a partir do entrelaçamento do breaking com suas próprias vidas, construindo suas próprias significações sobre a prática corporal.